

PUBLICAÇÃO | PORTUGAL E A INVENÇÃO DE UM NOVO MUNDO

Autor: Prof. Rodrigo Sobral Cunha Prefácio: Dr. Manuel José Guerreiro

Junho 2025

Este livro foi escrito por todos aqueles que, desde tempos antigos, fizeram de Portugal a sua pátria. Ao se trabalhar o imaginário com amor, ajustando-o às vicissitudes dos tempos e dos lugares, cria-se um ideal.

Ideal esse que sob a cooperação de muitos, é possível realizar. Pois é isto que esta obra narra. Com uma mestria e uma elegante minúcia, o professor Rodrigo Sobral Cunha descreve como os ideólogos e os seus seguidores souberam construir uma Nação. Retrata o povo que sonhou a história do futuro e governou com a sabedoria dos três povos do Livro a sua gente, terras e mar. E pelo navegar por novos e diferentes mundos, conheceu as culturas, cantares e danças que construíram este Portugal. Com um caudal antigo, tudo isto chega, aos nossos dias, aqui em forma de letra.

Estes povos da beira-mar e do mistério do Ocidente, na procura do Oriente dos promontórios onde nasceu o barroco atlântico. Estas gentes robustas, ousadas e poéticas da Finisterra da Invenção de Mundos, não podiam estar mais ligados à Verdadeira Natureza e às Narrativas Fabulosas, quer dizer, ao Mito que se contrapôs ao racionalismo absoluto dos povos da Europa Central. O mito é a interpretação do Universo própria das Idades de Santos e de Heróis. São os grandes mitos que movem a Imaginação e a Acção dos homens, sejam eles -, o da Idade do Ouro, das Ilhas Afortunadas, do Paraíso, das Terras da Abundância ou da Paz -, sejam eles o do Quinto Império.

Talvez o leitor contemporâneo e desprevenido associe a ideia de Quinto Império a mais uma das formas de violência com que a humanidade atormenta a superfície do globo, especialmente nos últimos séculos desde a eclosão da Revolução Industrial e da explosão do Império da Técnica. Bem pelo contrário, no dizer das Trovas de Bandarra, o Quinto Império “Tirá toda a Erronia, fará Paz em todo o mundo.”

À ideia do Fim Histórico de Portugal (não escreveu Almada Negreiros: “não há portugueses, há Portugal?”), Fernando Pessoa vai, então contrapor a ideia sublime do Quinto Império, no seguimento das Trovas do cantor de Trancoso, do Mito do Encoberto e da História do Futuro do Padre António Vieira, ou seja, vai dar curso à Tradição Quinto-Imperial, neste sentido escrevendo (no ano anterior ao da sua morte):

“O Quinto Império, sendo espiritual, em vez de partir, como na tradição [do Profeta Daniel no Antigo Testamento], do Império material de Babilónia, parte, antes, com a civilização em que vivemos, do império espiritual da Grécia, origem do que espiritualmente somos. E, sendo esse o Primeiro Império, o Segundo é o de Roma, o Terceiro o da Cristandade, e o Quarto o da Europa — isto é, da Europa laica pós Renascença. Aqui o Quinto Império terá que ser outro que o inglês, porque terá que ser de outra ordem. Nós o atribuímos a Portugal, para quem o esperamos.”

Para ajudar a conceber, como deve ser o que seja o Quinto Império, o Poeta Português acrescenta: “A Nação Portuguesa percorre, em seu caminho imperial, três tempos — o primeiro caracterizado pela Força (*Vis*) ou as Armas (*Arma*), o segundo pelo Ócio (*Otium*) ou o Sossego (*Quies*), e o terceiro pela Ciência (*Scientia*) ou a Inteligência (*Intellectus*).”

“No primeiro tempo — a Força ou Armas — trata-se de el-rei D. Manuel *o Primeiro*, que é o *quinto* rei da dinastia de Avis, e sucede a D. João *o Segundo*, depois deste morto. Foi então o auge do nosso período de Força ou Armas, isto é, de poder temporal. No segundo tempo — Ócio ou Sossego — trata-se de el-rei D. João *o Quinto*, que sucede a D. Pedro *o Segundo*, depois de este morto. Foi então o auge do nosso período de esterilidade rica, do nosso repouso do poder — o ócio ou sossego da profecia. No terceiro tempo — Ciência ou Inteligência — trata-se do *Quinto Império*”.

Portugal foi sempre pensado ao mais alto nível – mesmo quando esteve fora de si, como é o caso do filósofo sefardita Bento Espinosa, – e nas inteligências e corações que o guardam ao alto, manteve e mantém os seus desígnios maiores. O filósofo Álvaro Ribeiro afirmou que a soberania das nações, como dos indivíduos, é ditada pelo grau de imaginação. Isto mesmo pode o leitor apreciar nos textos de Pensadores Portugueses como Dalila Pereira da Costa e Agostinho da Silva, que aqui são convocados para esta reflexão sobre Portugal, terminado o primeiro quartel do século XXI. Mas também nas palavras dos estrangeiros que souberam olhar o País real, como Gilbert Durand, Reinhold Schneider ou Eugénio d’Ors, além de todo aquele imenso caudal de Portugueses que não caíram no materialismo, no consumismo, no hedonismo narcísico, nas psicopatologias do poder e do medo, na apatia do nihilismo.

Por mais extraordinário que possa parecer ao leitor contemporâneo, até há pouco tempo o homem foi considerado como um composto de corpo, alma e espírito. Supor que o homem não passa de um complexo bioquímico material ou energético, é uma coisa que horrorizaria os nossos Antepassados, ou qualquer Cultura e Civilização tradicional, para quem o mundo do homem, a dimensão própria do humano, é a dimensão psicológica ou anímica da cultura, da arte, da ciência, da religião, das Obras do Espírito. Cuidar da alma e do melhor pensamento, da boa formação do carácter, da elevação do espírito até à contemplação do Universo, tais são os propósitos que distinguem os homens dos animais. Que destino terão homens que se identificam com animais e para quem o sentido da vida reside na posse e no domínio de coisas e pessoas? Tais eram as perguntas feitas pelos pensadores na recta final de Roma, por exemplo Cícero, Séneca, Marco Aurélio. Daí a estranha actualidade do estoicismo, mesmo que a filosofia portuguesa vá bem mais longe.

Teremos a coragem suficiente para inverter este estado de coisas?

Eis porque surge este livro como uma Esperança, à beira dos 900 anos da nação atlântico-mediterrânica, uma *Carta aberta aos Amigos de Portugal* e à Comunidade de Povos de língua portuguesa.

Compreende-se, agora porque vêm tantos quantos vêm ao País da Paz e da Concórdia, do universalismo vivo e generoso, que aliás está nos antípodas do globalismo uniformizador. Afonso Henriques, pai fundador da Nação após a conquista de Lisboa, renunciou à violência fratricida deslocando os Mouros para a Mouraria, os Jueus para a judiaria e os Negros para a Negraria, hoje São Paulo.

Sem a compreensão clara disto, não se compreende a Alma Portuguesa e a demanda dos estrangeiros aos nossos aeroportos.

O símbolo da Caixa de Crédito Agrícola é uma árvore com sete folhas que apontam, juntamente com as raízes, para dentro da terra e para os quatro pontos cardeais do mundo. Mas também enfatizam as várias direções e dimensões do Tempo. Significa isto que a Caixa Agrícola está vocacionada para servir as gentes e o mundo, embora com as raízes no local, neste caso Torres Vedras, região antiquíssima onde se crê, por estes dias, ter nascido a cerâmica campaniforme, antepassada do caldeirão druídico celta e do Graal. O filósofo romano Cícero traduziu a palavra Educação dos Antigos Gregos (*Paideia*) por *Cultura Animi*, o cultivo da alma, por analogia com o cultivo dos campos. De modo semelhante, nestas terras, os homens transformam há milénios o fruto da madeira retorcida da vinha na cultura do vinho que eleva a alma. É, pois, magnífico que a agricultura ascenda, por intermédio da Caixa Agrícola, à cultura, para acrescentar mais folhas à Árvore da Vida e desta maneira elevar a dignidade do Homem.

Entretanto, os portugueses saberão continuar a usar a palavra *Luar*, mesmo que possam não saber não ter ela tradução real para outras línguas (nestas só há “luz da lua”); os rios Douro, o Mondego e o Tejo continuarão a desaguar no mar; as Serras de Montejunto, Sintra e da Estrela e os Promontórios de São Vicente e de Sagres continuarão a apontar para o Infinito azul unindo o mar e a terra que constituem a intemporalidade da essência da nossa gente.

Seremos relevantes se formos mais do que nós; se formos todos. A nossa Caixa de Crédito Agrícola Mútuo será infinita enquanto querer, e souber, ser valor para a gente, a terra e o mar de Torres Vedras. Esta, com todos, para todos, saberá realizar o nosso ideal.